# As Diferentes Atuações Psicopedagógicas em uma Escola Municipal Especial para Alunos com Transtorno do Espectro Autista

# The Different Psychopedagogical Activities in a Special Municipal School for Students with Autism Spectrum Disorder

Amanda da Paixão Montenegro[1]*

[1]Professora no Sesc RJ; Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará; Pós-graduação em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial pela Faculdade São Luís

* Autora para correspondência: mandi_paixao@hotmail.com

**RESUMO**

O presente estudo tem como meta central relatar e refletir sobre as variadas atuações psicopedagógicas em um ambiente escolar, tendo em vista as significativas experiências vividas no município de São João de Meriti, em uma Escola Pública Especial que atende somente alunos que apresentem o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. O fato de essa instituição ter em seu quadro três psicopedagogas despertou grande interesse. Desta forma, este relato analisa as diferentes funções desempenhadas por elas perante a comunidade escolar. Os instrumentos metodológicos utilizados para a coleta de dados foram observações, fotografias e entrevistas realizadas com todos os profissionais da escola. A pesquisa se fundamentou em estudos de autores como Laura Barbosa, Nádia Bossa, Renata Ferreira e Lev Vygotsky. Por fim, destaca-se a importância de um psicopedagogo no ambiente escolar, pois este busca constantemente a melhoria no processo de ensino e aprendizagem, bem como a prevenção, o acompanhamento e a solução dos problemas de aprendizagem, sendo um mediador e incentivando o estudante a desenvolver as suas potencialidades.

**Palavras-Chave:** Psicopedagogia; Institucional; Escolar; Atuações; Autismo.

**ABSTRACT**

The present study aims to report and reflect on the various psychopedagogical actions in a school environment, considering the significant experiences lived in the city of São João de Meriti, in a Special Public School that serves only students who present diagnosis of Autism Spectrum Disorder. The fact that this institution has in its board three psychopedagogues aroused great interest. Thus, this report analyzes their different functions in the school community. The methodological instruments used for data collection were observations, photographs and interviews with all school professionals. This research is substantiated by the works of authors such as Laura Barbosa, Nádia Bossa, Renata Ferreira and Lev Vygotsky. The importance of a psychopedagogue in the school environment is highlighted, as it constantly seeks to improve the teaching and learning process, as well as the prevention, monitoring and solution of learning problems, being a mediator and encouraging the students to develop their potential.

**Keywords:** Psychopedagogy; Institutional; School; Actuations; Autism.

## 1. Introdução

Compartilhar conhecimentos e incentivar formações continuadas envolvendo a Psicopedagogia são as motivações que levaram à elaboração deste relato, que se baseia em registros obtidos através de observações, fotografias e entrevistas durante seis meses em uma Escola Municipal Especial em São João de Meriti que matricula exclusivamente indivíduos com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que possui três psicopedagogas em seu quadro profissional. Vale destacar que, ao analisar trabalhos anteriores com a temática da Psicopedagogia Institucional Escolar, percebe-se a presença de um único profissional por escola nestes casos.

Sendo assim, o objetivo principal é descrever e diferenciar a prática e o cotidiano de cada

psicopedagoga, observando e enfatizando a relevância e a contribuição delas para as atividades desenvolvidas.

## 2. A Psicopedagogia Institucional Escolar: Ultrapassando o Caráter Preventivo

De acordo com Barbosa (2001, p. 76), "a Psicopedagogia Institucional Escolar teve origem no atendimento aos problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem". Em seguida, os estudos nessa área voltaram-se para uma atuação preventiva, pois foi se percebendo que é necessária uma ação anterior ao aparecimento dos casos encaminhados à Psicopedagogia Clínica.

Dessa maneira, busca-se transformar a atenção individual em grupal, avaliando os sintomas, considerando a gama de relações que existem numa instituição e propondo projetos que apontem para uma mudança global. Segundo Bossa (1999, p. 34):

> Pensar a escola à luz da Psicopedagogia significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista do educador e dos educandos; abrangendo também a participação da família e da sociedade.

Ou seja, a Psicopedagogia Institucional Escolar tem por objetivo principal prevenir as dificuldades de aprendizagem e, consequentemente, o fracasso escolar. Atualmente, em função do novo contexto educacional do ensino regular, em que, por lei, se devem matricular as crianças com necessidades educacionais especiais, a Psicopedagogia possui um papel essencial, porque não basta somente conceder a vaga à criança. Afinal, integrar é diferente de incluir!

As mudanças têm que ir muito além da infraestrutura, transformando as atitudes e adaptando o planejamento, por exemplo, envolvendo constantemente toda a comunidade escolar. Nesse sentido, a escola deve oferecer condições para que a criança permaneça na instituição e que sua aprendizagem ocorra de forma eficaz; caso contrário, continuaremos a presenciar a exclusão dentro do próprio ambiente escolar cujo espaço tem por meta a inclusão de todos.

Assim, cabe ao psicopedagogo institucional, junto com a equipe escolar, avaliar os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos e suas causas, buscando as soluções em parceria com os responsáveis. Weiss (1994, p. 65) enfatiza que o objeto de estudo da Psicopedagogia é "sempre o sujeito aprendente e esta aprendizagem está sempre relacionada com o próprio sujeito, com o sujeito e o objeto, com o sujeito e o meio, portanto sistematicamente".

O psicopedagogo precisa entender como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos, os conhecimentos prévios de que o aprendente dispõe. Além disso, quais são as formas pelas quais aprende individualmente e em relação ao grupo. Por isso, essa atuação especializada tem como base o pensar, a maneira como a aprendizagem se constrói, e não propriamente o que aprende. É buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional durante esse processo. Barbosa (2001, p. 104) ressalta que:

> A Psicopedagogia contribui com a escola na missão de resgate do prazer no ato de aprender e da aprendizagem nas situações prazerosas. Transformar a aprendizagem em prazer não significa realizar uma atividade prazerosa, e sim descobrir o prazer no ato de: construir ou de desconstruir o conhecimento; transformar ou ampliar o que se sabe; relacionar conhecimentos entre si e com vida; ser coautor ou autor do conhecimento; permitir-se experimentar diante de hipóteses; partir de um contexto para a descontextualização e vice-versa; operar sobre o conhecimento já existente; buscar o saber a partir do não saber; compartilhar suas descobertas; integrar ação, emoção e cognição; usar a reflexão sobre o conhecimento e a realidade; conhecer a história para criar novas possibilidades.

Com base nessas informações, analisa-se que já não é suficiente a atuação somente preventiva,

pois é necessário verificar também os problemas já instalados. Logo, cumpre intervir no contexto observado, levando em consideração a subjetividade do aluno, bem como as particularidades de cada situação, além da complexidade dos fatores que a permeiam.

Para tanto, esse profissional precisa estabelecer uma abordagem pautada na confiança durante os atendimentos. Esses encontros devem ocorrer em grupos, preferencialmente mas não obrigatoriamente, compostos por alunos da mesma série ou da mesma idade, já que a finalidade é o desenvolvimento de habilidades e competências, não o de conteúdo. Ou seja, aprender as áreas do conhecimento deve ser uma consequência da intervenção psicopedagógica e não uma meta central do trabalho.

## 3. Intervenções e Olhares Psicopedagógicos em uma Escola Municipal Especial para Alunos com TEA

### *3.1. Lócus da Pesquisa*

Essa Escola Municipal Especial localiza-se no município de São João de Meriti, na baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, sendo considerada uma referência estadual na área da Educação Especial. Ela atende somente alunos com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

Segundo o DSM-V (2014, p. 165), o Transtorno do Espectro Autista ou Autismo refere-se "a uma série de condições caracterizadas por desafios com habilidades sociais, comportamentos repetitivos, fala e comunicação não verbal, bem como por forças e diferenças únicas". Sabe-se que não há um autismo, mas muitos tipos. Ainda não se comprovou cientificamente a sua causa específica, mas existem hipóteses baseadas em diferentes combinações de influências genéticas e ambientais.

O termo "espectro" reflete a ampla variação nos desafios e pontos fortes possuídos por cada pessoa com autismo. De acordo com Teixeira (2016, p. 48), "os sinais mais óbvios do Transtorno do Espectro Autista tendem a aparecer entre dois e três anos de idade. Em alguns casos, ele pode ser diagnosticado por volta dos dezoito meses". Alguns atrasos no desenvolvimento associados ao autismo, como o de linguagem, podem ser identificados e abordados ainda mais cedo.

É importante ressaltar que se trata de transtornos do neurodesenvolvimento, caracterizados por alterações em dois domínios principais: comunicação e interação social, com padrões restritos e repetitivos de comportamento. Recomenda-se que os pais busquem uma avaliação sem demora, uma vez que a intervenção precoce pode melhorar os resultados.

Nesse sentido, o Programa de Atendimento ao Autista (PROAA) teve origem em 2006, com a proposta de atender a demanda do município de São João de Meriti. Segundo dados de 2016 do IBGE, cerca de 2,12 % da população da região foi diagnosticada com TEA. A escola em questão foi inaugurada em 2008. Iniciou funcionando em um pequeno espaço com apenas duas salas de aula para comportar quase cem alunos. Em 2014, passou por uma grande transformação, ganhando uma nova estrutura após a construção de um novo prédio.

Hoje, os 220 estudantes com autismo matriculados na unidade contam com total estrutura e acessibilidade nas cerca de quarenta salas distribuídas em três andares, que atendem às diversas demandas de alunos e profissionais.

Atualmente, a instituição oferece três turmas de Educação Infantil (duas no turno da manhã e uma no da tarde, com dez alunos em média), seis turmas de Ensino Fundamental (sendo três turmas em cada turno, com quinze alunos em média) e duas turmas de Educação de Jovens e Adultos (uma em cada turno, com vinte alunos em média).

Os educandos têm entre quatro e trinta anos, tendo o suporte de uma equipe multidisciplinar especializada, composta por professores, psicólogos, fisioterapeutas, arteterapeutas, fonoaudiólogos, psicomotricistas, psicopedagogas, orientadores educacionais e pedagógicos. Ao todo, são 56 profissionais atuando.

A proposta e a missão da escola consistem em preparar seus alunos para que sejam incluídos

no ensino regular, através do desenvolvimento de habilidades acadêmicas, motoras, sociais e de linguagem. "Nosso intuito não é fazer com que a criança permaneça aqui em toda a Educação Básica, mas prepará-los para a inclusão; sempre respeitando o tempo e a individualidade de cada um", explica a orientadora pedagógica durante uma entrevista.

De acordo com o diretor, não era mais para existir uma escola especial, já que as leis de inclusão sugerem a matrícula dos alunos com necessidades educativas especiais preferencialmente na rede regular de ensino. Entretanto, "[…] muitas escolas, infelizmente, não aceitam alguns alunos, alegando falta de vagas ou infraestrutura precária. Os responsáveis ficam desesperados e, por isso, ainda continuamos de portas abertas". Sendo assim, o trabalho de inclusão do aluno começa a ser realizado desde a Educação Infantil da escola.

> Aqui tentamos nos aproximar ao máximo da rotina de uma educação infantil regular, pois o nosso objetivo é que essa seja uma escola de passagem para a criança e que todos os nossos alunos sejam incluídos. Acompanhar de perto a evolução e poder contribuir com o desenvolvimento dessas crianças é muito gratificante. (Transcrição da fala de uma professora da Educação Infantil durante uma entrevista).

A diretora adjunta relatou que uma nova proposta para 2018 é a de iniciar uma inclusão inversa, matriculando alunos sem TEA nas turmas da escola. "Penso que, em um futuro bem próximo, as classes especiais acabarão e não seremos mais uma escola especial de transição, mas regular de ensino público."

Vale ressaltar que nessa escola trabalham três psicopedagogas que são efetivadas pela prefeitura do município. A psicopedagoga I atua na Brinquedoteca, a psicopedagoga II é responsável pelos atendimentos individualizados, e a psicopedagoga III comanda a sala de atividades de vida diária.

### *3.2 Psicopedagoga I – Brinquedoteca*

Na Brinquedoteca as atividades são coletivas. Logo, a psicopedagoga I recebe semanalmente todas as turmas da escola. As segundas-feiras são dedicadas à Educação Infantil, as terças e quartas-feiras são reservadas para o Ensino Fundamental, e as quintas e sextas-feiras para as turmas de EJA. Segundo a psicopedagoga I (transcrição da fala gravada durante uma entrevista), "[…] os atendimentos são pautados em materiais não estruturados e jogos adaptados com estimulação sensorial, na qual as crianças vivenciam novas formas de aprender".

Vale destacar que os materiais não estruturados incentivam as crianças a criarem os seus próprios brinquedos. É só lhes dar alguns recursos simples (exemplos de objetos: caixas de ovos, papelões, rolos de papel, fitas adesivas, botões, retalhos de tecidos variados, tintas de diferentes cores, tampas de diversos tamanhos, folhas e galhos de árvores e flores, balões, lã, pedrinhas e papéis) e pronto: tudo se transforma em brincadeira (Figura 1).

Afinal, a criança é uma tempestade de ideias, simbolismos e emoções. Sendo assim, algumas funções cognitivas são estimuladas, tais como: organização, planejamento, flexibilidade, criatividade, manutenção da atenção e memória. Com relação a essas atividades, a psicopedagoga I complementa:

> Faço intervenções no momento de construção do brincar. Pego os conceitos utilizados e busco uma aprendizagem mais sistemática, por exemplo: a quantidade de pedrinhas a serem usadas, os centímetros de um barbante que irão precisar, as relações entre muito e pouco, maior e menor, em cima e embaixo etc…

Nesse contexto, os materiais não estruturados são uma forma de confeccionar e brincar por meio da imaginação, despertando assim o prazer de aprender (Figura 2). Vygotsky (1987, p. 64) traz uma reflexão importante sobre a construção da imaginação:

> A imaginação, como base de toda a atividade criadora, se manifesta por igual em todos os

**Figura 1 –** Atividade sensorial e de contagem na Brinquedoteca.

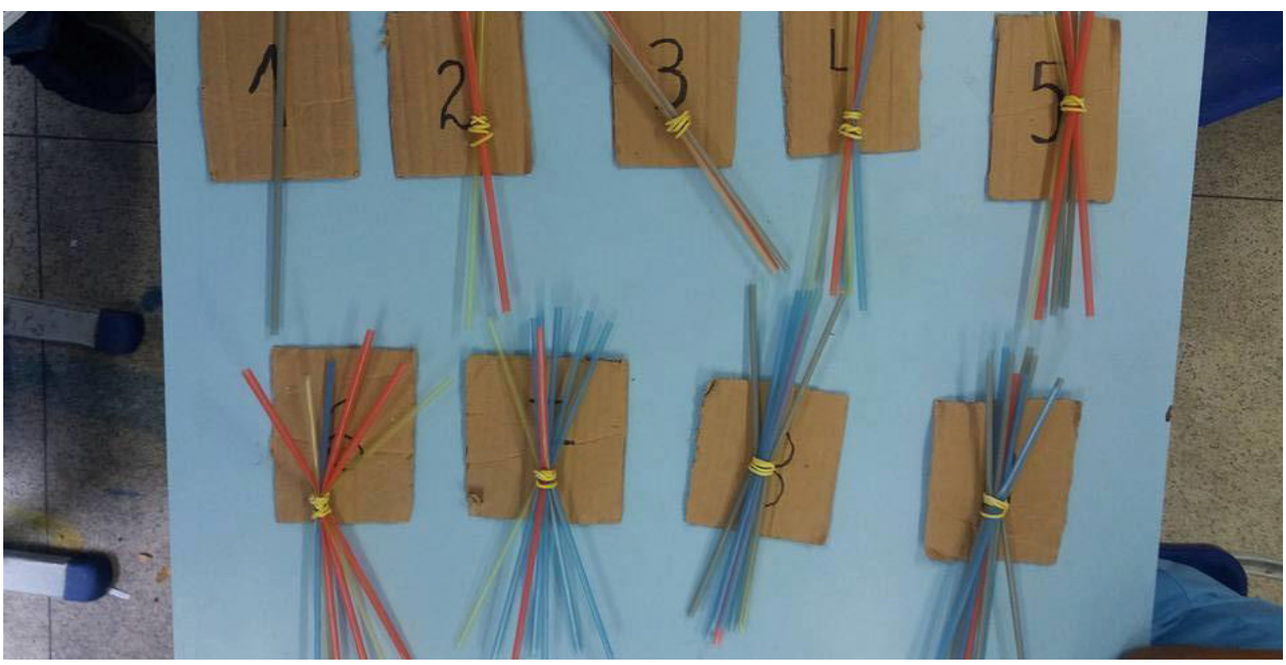


**Figura 2 –** Atividade de contagem na Brinquedoteca.

aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, em diferenciação ao mundo da natureza, tudo é produto da imaginação e da criação humana.

Durante esses momentos tão significativos, a psicopedagoga I observa e registra o comportamento dos alunos, tendo também um caráter preventivo com relação às possíveis reações positivas e negativas, os interesses e as dificuldades. Portanto, o brincar com materiais não

estruturados possibilita o desenvolvimento da inteligência e a oportunidade de a criança explorar suas habilidades criativas, tendo uma relação com as aprendizagens já consolidadas.

Além disso, a psicopedagoga I destaca a utilização dos jogos adaptados, juntamente com a estimulação sensorial: "A adaptação é muito importante para ampliar as potencialidades cognitivas. Analiso as dificuldades, necessidades e facilidades de cada um para planejar algo que todos possam realizar".

Dessa maneira, os jogos adaptados permitem que os alunos sejam capazes de se expressar, resolver problemas e vencer desafios, tornando-se mais participativos e permitindo, assim, uma maior interação social com os colegas de classe (Figuras 3 e 4).

> Se a criança não consegue segurar com a mão um objeto com firmeza, engrosso ou entorto a ponta dele para facilitar esse processo. Se o jogo é de perguntas e respostas e a crianças tem dificuldade para falar, utilizo a comunicação alternativa com imagens. Enfim, cada caso é um caso e uma adaptação diferente. (Transcrição da fala da psicopedagoga I durante a gravação da entrevista).

Observa-se que durante essa adaptação há uma preocupação também com a estimulação sensorial, pois se utilizam diferentes texturas e as crianças passam por diversas sensações. No que se refere aos padrões sensoriais de crianças com TEA, temos que:

> Muitas crianças no espectro aparentam ter complexos padrões de sensibilidades sensoriais. Por exemplo, uma criança pode ser hipersensível a sons e cheiros, mas hipossensível ao toque. Em outros casos, as sensibilidades das crianças parecem mudar de um momento para o outro, ou dentro de períodos de dias ou semanas. Elas podem ser hipersensíveis à luz em um dia e parecer hipossensíveis ou não afetadas pela luz em um outro dia. A ciência de hoje ainda não consegue explicar completamente por que isto acontece, mas sabe-se da importância da estimulação sensorial com essas crianças, justamente por essa instabilidade (Golstein, Capelli & Piacentini, 2010, p. 102).

Finalizamos a entrevista, com uma bela fala da psicopedagoga I:

> Amo o que faço aqui na Brinquedoteca, porque meu planejamento é flexível e não engessado. Respeito as necessidades, dificuldades e foco nas potencialidades dos alunos. Por isso, busco sempre me atualizar, me inscrever em formações continuadas para acompanhar qualquer novidade no campo da Educação Especial, principalmente no que diz respeito ao TEA.

**Figura 3 –** Contação de história na Brinquedoteca.

**Figura 4 –** Massinha caseira feita na área externa da escola. Atividade realizada pela Brinquedoteca.

### 3.3 Psicopedagoga II – Atendimentos Individualizados

Essa profissional trabalha com os alunos considerados mais severos durante os Conselhos de Classe da instituição. A agressividade (bater, morder, cuspir, falar palavras de baixo calão) é um dos principais aspectos levados em consideração para esses encaminhamentos individuais.

A frequência e o tempo de atendimento variam dependendo do caso. O intuito é incluir aos poucos esse educando em alguma turma da escola, de acordo com a sua faixa etária. É um processo de adaptação, de acordo com a psicopedagoga II:

> Quando o aluno não suporta um contato social com grupos, ele fica aqui comigo até conseguir. Os primeiros atendimentos são junto com as famílias, para maior segurança de todos os envolvidos. Quando ele começa a demonstrar avanços, eu o incluo primeiro nas aulas extraclasse, como Educação Física e Música, para depois o inserir na turma com confiança.

A sala da escola reservada para esse fim fica no primeiro andar para facilitar a entrada dos alunos, tendo em vista que apresentam grande resistência no início dos atendimentos. Ressalta-se que poucos brinquedos compõem o espaço, pois o objetivo central é incentivar a integração e socialização das crianças.

> É um desafio diário! Cada crescimento, por menor que seja, é muito comemorado. É um trabalho de formiguinha. Às vezes, quando penso que já posso incluir o aluno na turma, me surpreendo e percebo regressões. E assim, tenho que começar tudo de novo. (Transcrição da fala da psicopedagoga II durante a gravação da entrevista).

Ao longo da pesquisa, verificou-se que cada aluno customizou a sua caixa de trabalho, escolhendo alguns objetos de sua preferência para a compor. Além disso, suas atividades são guardadas em forma de portfólio para relembrar sempre que possível e/ou necessário, além de compartilhar para as famílias no final do ano letivo. Segundo Barbosa (2003, p. 77):

> A caixa de trabalho auxiliará o educador a intervir em situações que possibilitam a vivência do aprender, pois a sua atitude operativa frente aos comportamentos e atitudes observadas deve levar a criança a construir seu processo de aquisição do conhecimento, tornando-se mais autônomo e autor de suas aprendizagens.

### 3.4 Psicopedagoga III – Atividades da Vida Diária

Essa profissional não trabalha em uma sala, mas em uma casa em miniatura no jardim da escola em parceria com uma Terapeuta Ocupacional. Elas recebem semanalmente todas as turmas da escola. A segunda-feira é direcionada ao Ensino Fundamental, as terças e quartas-feiras são reservadas para a Educação de Jovens e Adultos, e as sextas-feiras para a Educação Infantil.

Os planejamentos são fundamentados no desenvolvimento de uma maior autonomia durante as atividades da vida diária das crianças. São tarefas básicas de autocuidado e que incluem, segundo a psicopedagoga III:

> Se alimentar sozinho, segurando os talheres com firmeza; ir ao banheiro, fazer as necessidades, lavando a mão posteriormente; se vestir, escolhendo as roupas e calçados; dobrar e guardar as roupas no armário; tomar banho; andar e se locomover de um cômodo da casa para outro (Figuras 5 a 8).

Além disso, realiza-se uma atividade denominada de "Projeto Mão na Massa", uma espécie de cozinha experimental, em que as crianças podem experimentar diferentes ingredientes e criar pratos com auxílio.

> É muito gratificante ouvir os relatos dos pais, confirmando os avanços das crianças em casa (transcrição da fala da psicopedagoga III durante a gravação da entrevista) (Figura 9).

**Figura 5 –** Percurso sensorial durante um atendimento individualizado.

**Figura 6 –** Atividade de alinhavo durante um atendimento individualizado.

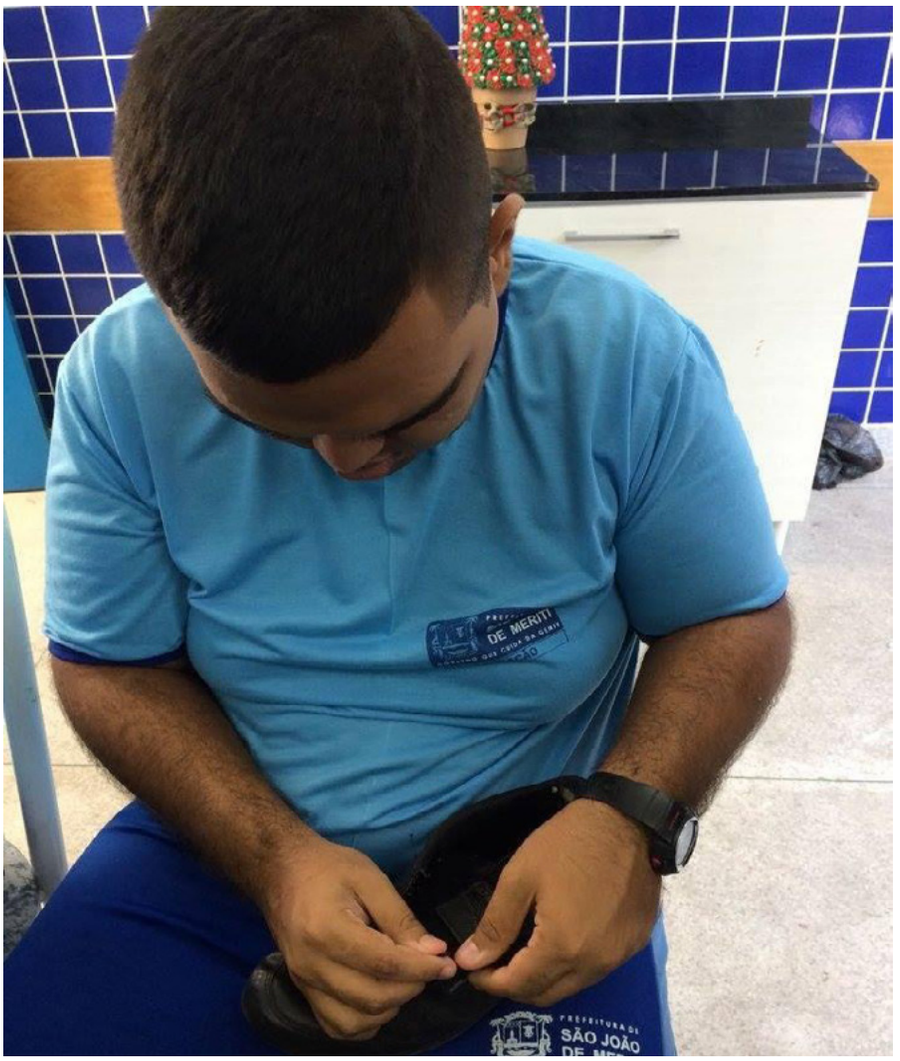


**Figura 7 –** Atividade da vida diária e autônoma – amarrando cadarços.

**Figura 8 –** Atividade de vida diária e autônoma – aprendendo as horas.

**Figura 9 –** Projeto Mão na Massa – provando diferentes ingredientes.

## 4. Pontos em Comum nas Atuações das Três Profissionais

Apesar de elas trabalharem em diferentes funções e setores da escola, dialogam em aspectos significativos na prática psicopedagógica. Percebe-se que todas focam nas habilidades e competências dos alunos, mediando através da adaptação de atividades com variados recursos, procurando manter constante a parceria com os outros profissionais da instituição e, especialmente, com as famílias.

Auxiliam os professores para adaptar os planejamentos, principalmente a psicopedagoga II, que trabalha com os autistas mais severos. Dessa maneira, elabora-se um plano individual de aprendizagem, para incluir gradativamente a criança nas atividades que a turma realiza. Além disso, participam da avaliação continuada, do preenchimento do relatório trimestral e da organização do portfólio semestral.

Vale ressaltar que as psicopedagogas analisam a relação do aluno não somente no processo de ensino e aprendizagem, mas com o meio social em que está inserido, tendo um olhar amplo e diferenciado. Atuam de maneira transdisciplinar, ou seja, além das áreas de conhecimento estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Dessa forma, contribuem para um ambiente inclusivo, provocando transformações e intervindo de

maneira essencial no cotidiano escolar, melhorando a qualidade do ensino e da aprendizagem. Segundo Ferreira (2002, p. 5), "dentre as muitas proposições da Psicopedagogia Escolar, está a ressignificação da vontade do educando, a ascensão do pensar, o desenvolvimento da atenção, o alargamento do olhar; enfim, a busca pelo sucesso escolar".

## 5. Conclusão

Com base nas observações, entrevistas e análises obtidas durante a elaboração deste relato, destaca-se a extrema importância de um psicopedagogo no ambiente escolar. Afinal, esses profissionais não são necessários somente na área da Educação Especial, mas na Educação como um todo, tendo em vista que não são somente os alunos com necessidades educativas especiais que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

Esta análise ratifica-se com os registros das variadas atuações das três psicopedagogas da escola que serviu como lócus desta pesquisa. Suas intervenções dinamizam o processo de ensino e aprendizagem, além de dialogar com toda a comunidade escolar. Conclui-se que uma das principais funções do psicopedagogo na escola é provocar a reflexão sobre o fazer pedagógico e as mediações no processo de ensino e aprendizagem, observando constantemente o aluno e refletindo sobre as suas dificuldades e limitações na busca de superações.

Entretanto, esses relatos são exceções em meio a tantas escolas que ainda não valorizam e não possuem no seu quadro funcionários com essa especialização. Infelizmente, essa realidade é vista em escolas particulares e públicas, pois poucos concursos até hoje abriram direcionados para tais vagas. Geralmente é o educador quem busca a pós-graduação por conta própria e, quando finaliza, não consegue obter mudança no seu cargo na instituição.

Por fim, a expectativa é que as ponderações aqui iniciadas e apresentadas sejam provocadoras de novas reflexões, com vistas ao maior entendimento e valorização da Psicopedagogia.

## Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, Laura Monte. A *Psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar*. Curitiba: Expoente; 2001.

_____. "Caixa de Trabalho: uma Ação Psicopedagógica Proposta pela Epistemologia Convergente". Disponível em: <www.psicopedagogia.pro.br>. Acessado em 15 jan. 2018.

BOSSA, Nádia Aparecida. *A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL, IBGE. *Pesquisa do Município São João de Meriti*, 2016. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acessado em 6 jan. 2018.

CAPELLI, D.; GOLDSTEIN, A. & PIACENTINI, P. *Brincar é Desenvolver: um Caminho para o Mundo do Autismo*. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2010.

FERREIRA, Renata Tereza da Silva. "A Importância da Psicopedagogia". Disponível em: <www.psicopedagogiaonline.com.br>. Publicado em: 25 jun. 2002.

TEIXEIRA, Gustavo. *Manual do Autismo*. São Paulo: Best Seller, 2016.

VYGOTSKY, Lev. *Imaginação e a Arte na Infância*. México: Hispânicas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia. "Psicopedagogia Institucional: Controvérsias, Possibilidades e Limites". In: SARGO, Claudete (org.). *A Práxis Psicopedagógica Brasileira*. São Paulo: ABPp, 1994.

*Publicado em 28/07/2020.*